

teses nas quais faz prova duma "perspicácia" e dum "dom de observação" que Goethe elogia encarecidamente na sua própria teoria das Côres.

Depois de sua volta para a França, o mesmo ardor pelas pesquisas científicas o leva a dedicar seu interesse aos problemas sociais e políticos. Nisso, como nos seus estudos de física, mantém-se fiel ao espírito da época, que acredita haver descoberto que a sociedade humana é um organismo regido por severas leis mecânicas.

Desta vez, o doutor de St. Andrews troca seu laboratório tranqüilo pelo teatro sempre diferente da miséria. Seu ardor encarnado de pesquisador leva-o dum quarteirão da miséria para outro. Vai a pé de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, caminhando ininterruptamente. Passa a noite em lugares imundos, mistura-se entre os operários que vão prestar o serviço da geira. Vadia nas esquinas e em baixo das pontes, em companhia de mendigos e de delinquentes. Guarda, sempre prontos, seu caderno e seu lapis, para anotar as desgraças vistas ou as que lhe foram contadas. De modo pedantesco, toma nota minuciosa de cada ínfimo detalhe, de cada insignificante modalidade da vida dos pobres, de tudo o que se relaciona à falta de veis, queixas tímidas a respeito da arbitrariedade dos aristocratas, justiça e ao sofrimento — algarismos concernentes as pagas miseráveis — conversações sobre os impostos, gritos desesperados por um pedaço de pão. Esta miséria enche inúmeras páginas do seu caderno de notas.

De volta para sua casa, tenta ordenar o material colhido, com apuro e clareza, segundo o costumado método científico. Dêstes documentos, tenta deduzir fórmulas precisas e claras, tenta apanhar as côres da sociedade, as cargas e as tensões da miséria, a química das mesclas de rico e pobre.

Semelhante aplicação das ciências físicas à vida viva, deve levá-lo, assim como todo o pensamento do seu tempo, à crença de que o mecanismo social cujas leis se podem inquirir, também pode ser dirigido e modificado segundo a vontade dos homens.

Marat já se dedicara com tal ardor a suas observações físicas que, ao publicar o que lhe parecia ser a verdade, não temeu atacar veementemente as doutrinas de Volta, de Lavoisier ou de Newton. Não devemos pois, estranhar que, por causa dos resultados de seus novos estudos, um estado de excitação apaixonada se apodere dêle. Em verdade, as conclusões a que o conduzem suas pesquisas não permitem esperar sossegadamente, não admitem um sistema de reformas prudentes como o aplicam êsses políticos agora mesmo chegados ao poder, do faz de conde de Mirabeau. Suas conclusões exigem um trabalho imediato e integral, a destruição completa de tudo o que existe e a substituição, por um outro, do mecanismo social que funciona péssimamente.

A Assembléia Nacional, da qual nada de bom se pode esperar, tem de ser dissolvida incontinentemente. Esse conselho municipal de Paris, de que fazem parte apenas palraçadores e imbecis tem de ser imediatamente dispersado pela força — eis o que exige Marat que, agora, em vez de polêmicas sobre questões de alta ciência, publica um jornal político e faz dêle o porta-voz que diariamente espalha aos quatro ventos, pelo universo, os resultados de sua física da miséria.

Marat, o sábio, passou a ser Marat, o lutador. A veemência com que atacara outrora os gigantes das ciências físicas e naturais, volta-se agora, elevada à milésima potência, contra Mirabeau, a Assembléia Nacional, os aristocratas, a Côrte. O incondicionalismo de suas conclusões científicas leva-o logicamente a exigir que seja logo eliminado quem quer que venha a prejudicar o funcionamento exato do mecanismo social.

Nos primeiros números de seu "Ami du Peuple", aconselhara ainda ao povo que se abstivesse, antes de tudo, de qualquer ato de violência. Mas não tarda a ser de opinião que, para o mundo melhorar, é previamente indispensável que "oitocentas árvores do Jardim das Tulherias se hajam transformado em forcas" e que nelas sejam pendurados Mirabeau e os outros adversários da igualdade. Quanto aos oficiais, merecem ser esquartejados; assim, também, o rei e seus satélites. Cada ministro, uma vez que exerce suas funções há quarenta e oito horas, se torna necessariamente, um inimigo do povo.

Procurado pela polícia, o físico cincoentenário leva agora a vida dum perseguido. Foge de porão em porão, de sótão em sótão e, de seus sempre novos esconderijos, lança seus panfletos furiosos e provocadores contra o regime dominante das reformas tímidas, da revolução moderada, do compromisso, da mediação e da tolerância.

Enfim, chega realmente a mudança radical de regime por êle preconizada. A Revolução, que parara a meio caminho, retoma o seu curso, varre os hesitantes, os pactuadores, vai tirar Marat do seu porão e coloca-o na "montanha" da Convenção, ao lado de Danton e de Robespierre. Lá é que assiste agora às sessões, os braços cruzados sobre o peito, apoiando-se sobre um lado, o olhar sardônico a cintilar vivamente nos olhos verdes-cinzentos e, de sua bôca grande, espumando de raiva, jorram as incitações ao morticínio e ao incêndio.

O "cidadão Marat", o leader adorado pelo povo, já não conhece outro alvo na vida senão o de aplicar na realidade as conclusões de sua física social. "O revolucionário", declara êle, tem de renunciar a todos os prazeres e a tôdas as comodidades. Não lhe é lícito querer descansar. Não lhe é permitido possuir coisa alguma. Se, por acaso, vier a possuir alguma coisa, tem de logo sacrificá-la". No que diz respeito à sua própria vida, pode Marat declarar, em toda consciência, que, das vinte e quatro horas do dia, dedica "sòmente duas ao sono, uma à mesa, ao vestir e aos cuidados domésticos". Faz